

O brinde e a quarentena mortífera (III)

Dona Zilá (minha sogra), bolsonarista, Calissa (minha filha) Lula livre, Marli (minha esposa), meio Ciro meio Alckmin, e eu, voto nulo, finalmente, na quarentena, chegamos a um denominador comum.

No jantar de 5ª feira (16/04/2020) fizemos um brinde de consenso.

O que até então parecia impossível aconteceu.

Finalmente, após 40 dias de confinamento, concordávamos todos com alguma coisa. Dona Zilá foi a primeira a falar: *“um oncologista é sempre bem-vindo, vai que o vírus possa causar câncer daqui a 40 anos.”*

Calissa, sempre contestadora, como é de se esperar de uma adolescente inteligente se curvou às evidências: *“é vovó, a senhora tem toda a razão, eu tenho que pensar no meu futuro.”*

Marli, ainda deprimida, mas um pouco mais animada após a sessão com o terapeuta uma hora antes, por skype, depois de vários dias falou: *“eu acompanho a voz de minha mãe e minha filha. Nós, mulheres, temos um papel no mundo que os homens não compreendem. O novo ministro tem uma cara esquisita mas não me parece machista. Além disso, ele é humilde e sincero porque demonstrou que não entende nada de sistema público de saúde. Temos que valorizar esse traço de caráter.”*

Eu, único homem no apê da Barata Ribeiro de 32 m², pensava no que falar, enquanto abria lentamente a garrafa do Mateus Rosé trazida pelo menino do supermercado Prix, de manhã. Eu sabia que minhas palavras tinham que ser muito ponderadas. Na quarentena não há espaço para discórdias explosivas.

É preciso pensar em consensos, ainda que discretos. Ainda mais ali, quando as três mulheres que regem a minha vida já haviam proposto um brinde ao novo ministro. Eu pensava, mas longe de mim pensar alto (ministro cara de fuinha, rolando lero, peido amarelo, drácula disfarçado, drone do gabinete do ódio, pascácio, papa cu rasteiro, lambe-botas e tantos outros...) e o saca-rolha no vinho rosé funcionava com a mesma velocidade da distribuição de renda no Brasil.

Meus pensamentos antecedentes ao brinde me levaram a um arroubo momentâneo de chutar o pau da barraca. Foi quando ouvi a voz firme da Dona Zilá: *“E aí, esse brinde sai ou não sai?”*

Respirei fundo, apesar da falta de ar e da leve tosse, e disse: *“Saúde ao novo ministro da saúde. Que Jesus, Silas Malafaia, RR Soares, Josué Valandro Jr., Robson Rodovalho, Marco Feliciano e Edir Macedo iluminem seu caminho.”*

Levantei minha taça para o brinde comunitário-familiar e senti um certo constrangimento das moças. Como não podia deixar de ser, Calissa me interpelou: *“Pai, você não é ateu?”* Dei uma engasgadinha, mas eu não perderia o brinde, falei: *“Nessa hora temos que ter fé.”*

Foi um brinde bacana na quarentena, mas minha taça quebrou e bebi o Mateus Rosé com meu indicador sangrando... •••